

O Espírito Santo quer estar connosco: não é um hóspede de passagem que vem fazer-nos uma visita de cortesia. É um companheiro de vida, uma presença estável, é Espírito e deseja habitar no nosso espírito. É paciente e fica connosco inclusive quando caímos. Fica porque nos ama verdadeiramente: não finge que nos ama e depois deixa-nos sozinhos nas dificuldades.

Papa Francisco, *Regina caeli*, 14 de maio de 2023.



Boletim de Espiritualidade

1 JUNHO 2023
Ano X Nº 108

108



Agenda junho 2023

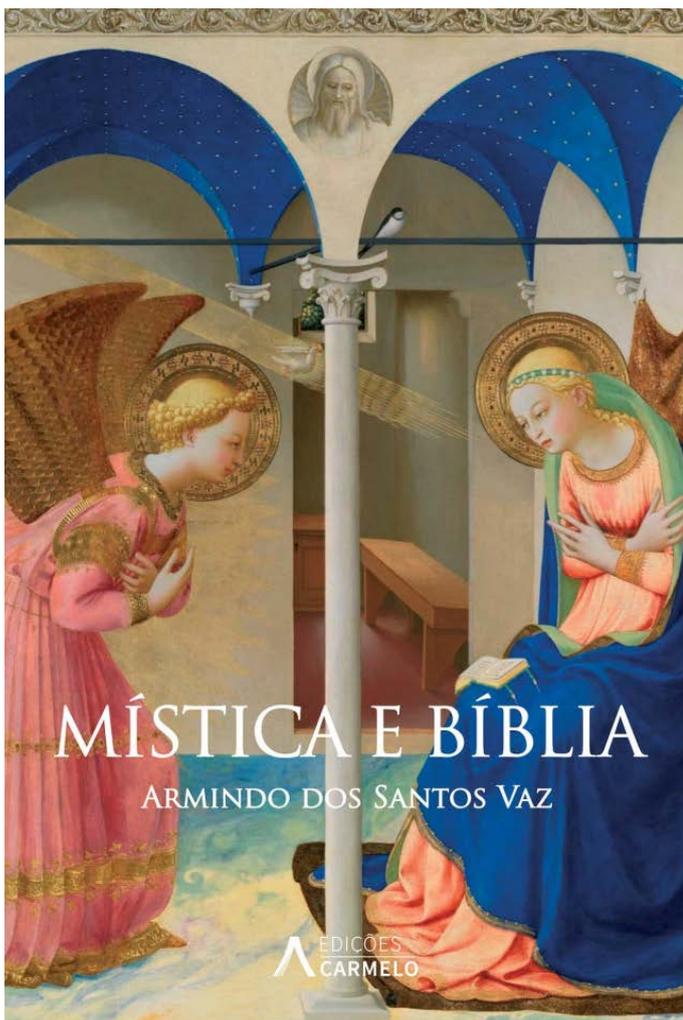
- 1 a 4 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 2 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 2 a 4 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Retiro para casais
- 3 **Braga** (UCP) – IV Jornada de Filosofia da Religião
- 3 e 4 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encerramento do Curso Bíblico – P. Armindo Vaz, ocd
- 3 e 4 **Braga** (Casa de Soutelo) – Fim de semana para noivos
- 3 a 11 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 5 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro bíblico
- 5 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – João Alves
- 5 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 6 **Porto** (C. Cultura Católica) – Famílias acolhedoras de famílias – Pastoral Familiar
- 7 **UCP (online)** – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": Alain Badiou e o universalismo paulino – Teresa Bartolomei
- 7 a 13 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 7 a 13 **Algarve** (S. Lourenço do Palmeiral) – Exercícios Espirituais
- 9 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 14 **UCP (online)** – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": Giorgio Agamben e o tempo que resta – Alex Villas Boas
- 15 a 18 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 15 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 16 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 16 a 18 **Fátima** (Domus Carmeli) – Mística e Místicos
- 17 **Braga** (Casa de Soutelo) – Xegai, Vede & Comei
- 19 a 24 **Ávila** (CITeS) – A oração contemplativa: reflexão e vida
- 21 **UCP (online)** – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": E. P. Sanders e a religião de Paulo – José Carlos Carvalho
- 22 a 25 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 23 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 25 **Avessadas** – Domingo das bênçãos

- 28 **UCP (online)** – Summer school "Religião e Cultura: leituras da «revolução» paulina": Marie-José Mondzain e a língua de passagem – Paulo Pires do Vale
- 30 **Fátima** (Santuário) – Lectio Divina (*Domingo*)
- 30 a 7jul **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 30 a 2jul **Braga** (Casa de Soutelo) – Logoterapia e análise existencial II

Agenda julho 2023

- 1 **Braga** (Casa de Soutelo) – Espelho, espelho meu, alguém se sente como eu
- 2 a 7 **Fátima** (Capuchinhos) – Retiro Bíblico
- 5 a 7 **Fátima** (C. Paulo VI) – Cursos de Verão 2023: A Peregrinação a Fátima
- 3 **Fátima** (Santuário) – Recoleção – Ana Castro
- 3 a 11 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 5 a 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 7 a 9 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 14 a 19 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 15 **Online** – *De Véspera com Nossa Senhora do Carmo* – Frei André Morais, ocd
- 14 a 22 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 20 a 23 **Braga** (Casa de Soutelo) – Exercícios Espirituais
- 23 **Avessadas** – Domingo das bênçãos





MÍSTICA E BÍBLIA

Disponível nas Edições Carmelo e livrarias católicas nacionais

www.carmelo.pt

Tamanho: 21X14cm

N.º de páginas: 64

Preço: 7,00€

Não há uma mística. Os caminhos da fé para a união com Deus são diferenciados e cruzados. A procura de Deus e a relação com o Mistério variam segundo as pessoas, tradições religiosas, substrato cultural das pessoas. Cada crente tem a sua mística, na medida em que realiza a sua vocação pessoal, a sua maneira de aderir ao amor de Deus sob a acção do seu Espírito. E exprime-a com imagens, símbolos, metáforas, analogias dinâmicas variadas. Por seu lado, os fenómenos místicos podem ser abordados de muitas perspectivas (da filosofia, da psicologia, da teologia, da linguagem...) e com metodologias diversas.

A leitura da Bíblia contribui em muito para o enquadramento da experiência mística e para a exprimir melhor. De facto, a Sagrada Escritura atribui aos seus vários protagonistas experiências interiores que se podem considerar místicas: eles viveram vislumbres da revelação de Deus aos humanos. É, pois, pertinente mergulhar nos campos férteis da fé bíblica, para ela contextualizar mais amplamente as diversas experiências do Deus transcendente.

Armindo dos Santos Vaz

A oração cristã produz efeito?

Armindo Vaz, OCD

Uma cultura onde não há espaço para a oração é uma cultura menos rica. A cultura entende a oração como dignificante do ser humano, porque favorece a experiência do Inefável, para onde sentimos a necessidade de entrar descalços, pela impressão de ser chão sagrado. Mas, se pensarmos especificamente na oração cristã, o seu principal objectivo é a comunhão com o Deus de Jesus, com o Deus que em Cristo encontrou definitivamente o ser humano e deu mais sentido ao seu existir, mesmo que doloroso ou custoso.

Ora, esse potencial místico liga-se sem intermitência a outro aspecto da oração cristã: o do seu efeito. Ao pôr o orante na presença de Deus e em comunhão com Ele, torna-o mais presente a si próprio e mais atento ao pulsar dos acontecimentos, mais sensível às realidades que o rodeiam e às pessoas que com ele convivem. O Papa Francisco disse (10.12.16) que “o fruto mais maduro da oração é sempre a caridade”. Não podemos senão concordar com ele. O *Catecismo* do santo Cura d’Ars já tinha dito – ligando a oração ao amor e à felicidade – que “esta é a grande tarefa do ser humano: rezar e amar. Se rezais e amais, aí tendes a felicidade do ser humano na terra”.

Tanta simplicidade desconcerta. Mas é inegável que a oração bíblica cristã não é realidade abstracta ou genérica. É um modo de estar na vida, de sentir e entender o mundo, como movimento que culmina em Jesus e que configura em nós “os mesmos sentimentos que estavam em Cristo Jesus” (Fl 2,5). A oração cristã genuína conduz ao amor. Se prova a qualidade da fé, acrescentem que faz terminar a fé no amor. Não nos tira do mundo. Ao contrário, faz-nos comungar das suas dores e gozos com mais intensidade. Quem reza não esquece a comunidade e a fraternidade em que se move. A oração renova, amacia e dilata o coração, tornando-o compassivo. Não evade a realidade. Gera uma dinâmica que intui as implicações humanas e sociais da comunhão com Deus. Ou seja, quem na oração cristã encontra o Deus vivo encontra o Amor e, se é coerente, põe-se ao serviço do amor. O amor ao Deus escutado na oração gera amor ao próximo escutado na vida. Os dois são complementares. Se não formos coerentes na vida, a oração obriga-nos a sê-lo. O chamado Mahatma, Gandhi, dizia que «a oração não é um ocioso passatempo para senhoras idosas mas que, bem compreendida e aplicada, é o instrumento de acção mais poderoso». E o primeiro bom efeito que ela produz é no próprio orante, porque, se autêntica, gera experiência do divino e torna-o mais humano. De facto, não faz sentido de manhã pedir boas relações com os membros da família e de tarde injuriá-los, murmurar deles ou chegar a vias de facto com eles. Como não se ora pela paz com o coração em guerra mas é preciso tê-lo em paz para pedir a Deus o fim da guerra, assim o orante é obrigado a empenhar-se nas causas que faz objecto de oração. Rezar para que Deus sacie os esfomeados sem mover um dedo para que tal aconteça é transformar a oração em alienação ou na apologia da indiferença. Até seria cómico pedir: ó Deus, faz de mim uma



Anunciação

PHILIPPE DE CHAMPAIGNE – The Metropolitan Museum of Art – 1649

boa pessoa, mas não te incomodes muito com isso, pois, tal como sou, estou a ter uma *dolce vita*, em grande.

A oração só como exercício de interioridade ou de introspecção no regalo tranquilo de uma paisagem idílica, auto-centrados para relaxar a mente, como nómadas digitais, peregrinos do absoluto (idealmente na Ponta do Sol, na Madeira), não assegura só por si a experiência do Deus vivo nem modifica o modo de processar as realidades da vida e o elo de ligação aos outros; se o exercício de interioridade não for acompanhado pela absorção do espírito do evangelho de Jesus, capaz de transformar uma vida, não fará efeito. A oração que nos descentra, num autêntico êxodo para os outros, olhando para eles a partir de Deus, sentido como Pai que nos torna irmãos com eles, é a oração de Jesus, que nos ensinou a orar dizendo «Pai nosso» e a considerar irmãos e a tratar como igualmente filhos desse «Pai nosso» todos os que estão à nossa volta, os que nos amam e os que às vezes nos incomodam. O Deus da oração cristã é o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob e o Deus de Jesus, Deus das pessoas vivas. Sem dúvida, é bom e necessário parar e cultivar a interioridade em contraposição a tantas pressas e urgências. Mas a oração cristã não se contenta com um diálogo *eu-Tu*, tranquilo, que prescinde do mundo e enche mais o *eu*. Saindo do coração – que leva o sangue a todas as fibras do ser – atravessa o corpo. Leva-nos para o Deus que é Pai de Jesus e para os filhos do «Pai nosso». Rezando o «Pai nosso» com consciência do seu alcance, já não se pode pensar que tanto faz rezar como não rezar. Quem fez o mal e ora «Pai nosso, livra-nos do mal» já está a renunciar ao mal e a aproximar-se de Deus: a oração produziu efeito. Para a oração ser mesmo eficaz, seria preciso, não só pedir coisas, mas também pedir Deus, para que se dê como se deu em Jesus. De qualquer modo, se da oração se levanta uma pessoa mais amável, quer dizer que foi escutada.

Santuário de Fátima: Cursos de Verão 2023

A Peregrinação a Fátima



O Santuário de Fátima vai promover a realização da 8.ª edição do *Curso de Verão*, aprofundando o tema da Peregrinação a Fátima. “Através do contributo de investigadores de diferentes academias, serão analisados, entre outros aspetos: a génese do atual conceito de peregrinar; os gestos típicos da peregrinação a Fátima; os peregrinos da Cova da Iria, sejam anónimos ou mais ilustres; e as fronteiras entre peregrinação e turismo religioso”. A atividade decorre a 5, 6 e 7 de julho, no Centro Pastoral de Paulo VI. [🔗](#)

Mística e Místicos

Fátima, 16 a 18 de junho de 2023



O tema da mística apresenta uma enorme relevância na vida espiritual do ser humano, mas a sua compreensão é frequentemente equivocada e obscura. É sob este propósito que os Carmelitas Descalços vão promover um curso de "Introdução à Mística e aos Místicos", realizado no âmbito da mística cristã, e pretende ajudar os participantes a compreender melhor o que é a mística verdadeira, a sua relação com a vida espiritual e as suas características principais. «Partindo da experiência de Deus feita por aqueles que nos precederam, narradas na Bíblia e ao longo da História do Cristianismo, aprendendo a interpretá-las e percebendo melhor como é o ser humano na dimensão mística da sua existência, poderemos compreender melhor a nossa própria experiência do Mistério e perspectivar o itinerário espiritual a percorrer», refere a organização. O próximo módulo programado ocorre de 16 a 18 de junho de 2023. [🔗](#)

IV Jornada de Filosofia da Religião

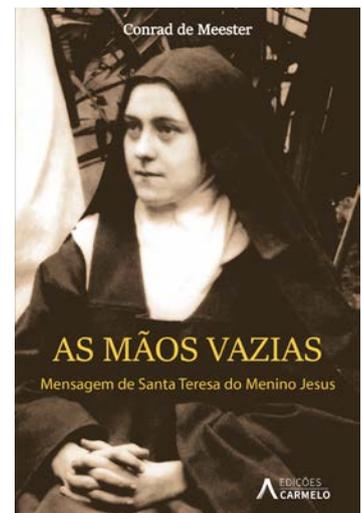
UCP de Braga, 3 de junho de 2023



No próximo dia 3 de Junho, o Auditório Isidro Alves da Universidade Católica Portuguesa (UCP) – Centro Regional de Braga abrirá portas para acolher a IV Jornada de Filosofia da Religião. A sessão tem como principal objetivo refletir sobre a reconciliação e reparação, no contexto da crise dos abusos e da guerra, como condições necessárias para que se abram caminhos de cura e de paz. Apesar de certas correntes fundamentalistas de teor religioso estarem associadas a ideias conflituosas, a religião tem também sido um importante fator histórico de promoção de harmonia pessoal e de estabilidade social. [🔗](#)

As mãos vazias

Conrad de Meester



“As mãos vazias” é um dos melhores livros sobre santa Teresa do Menino Jesus, escrito por um dos maiores especialistas no estudo da mais jovem Doutora da Igreja e que foi traduzido para diversas línguas. Nele, o autor dá-nos a conhecer em profundidade o caminho espiritual percorrido pela santa de Lisieux, desde a sua infância até final dos seus dias, oferecendo-nos a sua preciosa doutrina – a “ciência do amor” – amadurecida no crisol da vida quotidiana. “Teresa teve de amadurecer, não sem muito sofrimento humano e num total despojamento. É só no âmago da sua história pessoal, com as suas crises, os seus altos e baixos, que as geniais intuições da sua fé recebem todo o significado. Aquela profunda simplicidade, a que tudo soube reconduzir, é o fruto de um ardente amor que, com imaginação e criatividade, através de mil vicissitudes, enveredou pela realização do que parecia inconciliável: como é que a mais pequena e ínfima criatura se poderia vir a abrir desmedidamente ao infinito Deus...” – afirma Conrad de Meester. O livro está disponível nas Edições Carmelo (www.carmelo.pt).

Publicação: Edições Carmelo [🔗](#)

clustro

Da autenticidade do fazer

artístico. «O artista faz o que sabe fazer, mostra o seu trabalho porque é essencial mostrá-lo, vende-o, porque é justo que o seu trabalho seja remunerado, mas, só um dia, talvez apenas postumamente, aquela obra poderá revelar-se como uma obra de arte», assim refere a professora Alexandra Lisboa no seu artigo para mais à frente questionar: «Porque é que nem toda a criação artística vem a ser considerada uma obra de arte?» [🔗](#)



Teresinha, jovem leiga

Frei João Costa, OCD

Tendo no horizonte a proximidade da celebração das Jornadas Mundiais da Juventude, no próximo Verão, em Lisboa, impõe-se-nos um olhar sobre Teresinha, jovem leiga. Se de carmelita descalça foi mulher de excepcional calibre, e no céu é uma santa ímpar, jovem leiga antes o fora de igual envergadura. Uma e outra condição as viveu ela intensamente, radicalmente, modelarmente.

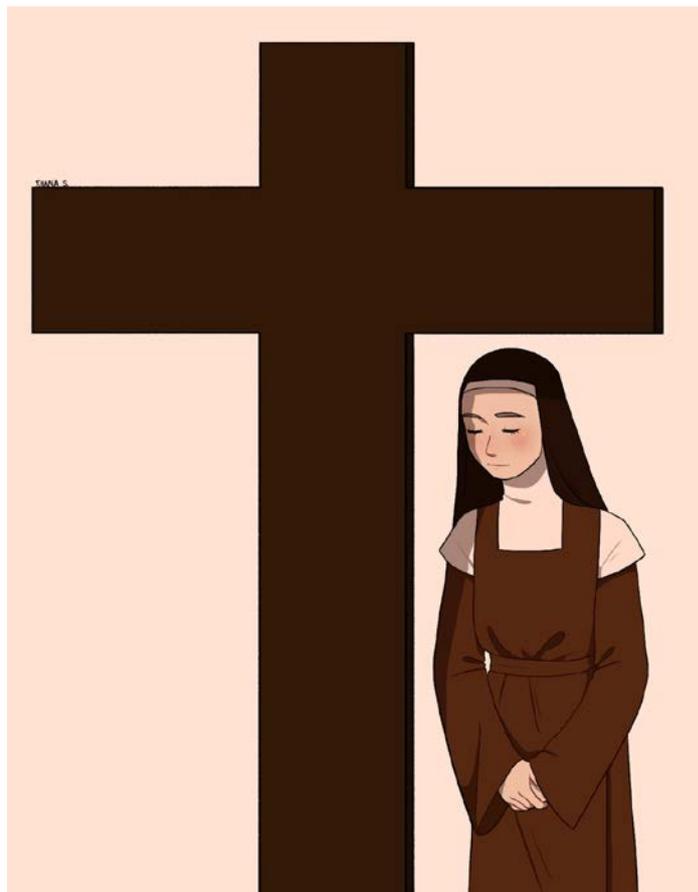
Parece-nos óbvio que Teresinha bem pode representar a juventude católica francesa do seu tempo: é eucaristicamente fervorosa, de profunda piedade mariana, devota do Menino Jesus e da Paixão do Senhor, amiga da oração, do silêncio e da contemplação, da leitura assídua da Bíblia, e da figura do Santo Padre, Leão XIII, no caso. Mas será esta menina muito diferente da juventude católica de hoje? – Não; nos modos talvez, no demais não, porque um católico se o é vive Cristo inteiro como centro, a Mãe como caminho para Ele, os sacramentos como presença, a oração como encontro profundo, intenso e radical. Muda, sim, naturalmente, a figura do Pontífice Máximo, ah, e talvez, a firme radicalidade que os santos possuem quando, em pós tamanhas provações, alcançam caminhar para Deus, e viver «*numa grande paz*», apesar da guerra que se lhes mova.

Marquemos, portanto, uma data: 9 de abril de 1888, segunda-feira, festa (atrasada) da Anunciação. Esta data feliz marca em definitivo o fim da sua infância (o mesmo é dizer, do seu ninho fofo e feliz). Trata-se, afinal, do dia da sua entrada no Carmelo de Lisieux. Mas o que a menina teve de andar para aqui chegar!

Consideremos, por isso, outras duas datas da sua vida: Pentecostes de 1883 (tem ela pouco mais de dez anos), e Natal de 1886 (com quase quatorze). São datas em que se assinalam curas na sua vida.

Fruto dos sucessivos rasgões afectivos ligados à figura materna: morte da mãe (aos quatro anos), entrada de Paulina, sua segunda mãe, no Carmelo de Lisieux (aos 8 anos), Teresinha é, à data, e em pós longuíssimos e escuríssimos anos, uma menina enfermiça, excessivamente sensível, excessivamente chorona, cuja existência não acaba nunca de firmar-se num mundo tão frio, incerto, desabrido e cambaleante que não lhe oferece jamais nem consolo nem apoio algum. Quando médico algum encontra medicina que a cure e a espevite, curar-se-á ela, instantaneamente, no Pentecostes de 1883, daquela inexplicável enfermidade, uma «*doença muito grave, da qual nunca uma criança tinha sofrido*»; a inesperada cura é, afinal, devida ao «*encantador sorriso*» que a Santíssima Virgem – a Virgem do Sorriso – lhe prodigaliza naquele dia.

Por fim, em outubro de 1886 Maria, sua terceira mamã, entrou também no mesmo Carmelo (daí a três meses Teresinha completaria os 14 anos); convenhamos, não lhe foi fácil tragar mais aquele amargo cálice, nem cerzir novo rasgão afectivo, por isso Teresinha segue amor-



daçada pelas fraldas de bebé; é um facto. Ora, sucedeu que na noite de Natal, o pai, e as três filhas que em casa lhe restam – Leónia, Celina e Teresinha –, participam na Missa do Galo na catedral de Lisieux. De regresso, o sr. Martin sobe pesado e cansado – ou por causa da hora tardia, ou pelo peso das frequentes birras da filha mais nova, Teresinha – as escadas dos Buissonnets, e desabafa com Celina: «*Felizmente este será o último ano [do ritual do sapatinho e dos presentes do Menino Jesus]*». Teresa, desde o andar de cima, ouve a conversa entre ambos e logo desata a chorar. É o normal, pelo que ei-la que chora mais uma vez, e logo na noite de Nata! Celina que tudo percebe da irmã recomenda-lhe que não desça à sala naquele momento, mas ela recompõe-se num instante, logo enxuga as lágrimas, desce correndo alegremente, e ajoelhando-se perto da lareira, põe-se a abrir os seus presentes com idêntica alegria à dos natais anteriores! Tinha-se operado naquele instante um pequeno milagre: o Menino Jesus conseguira o que a menina vinha almejando há quase dez anos: o estancar da fonte das lágrimas e a «*recuperação da força de alma que perdera*» desde a morte da mãe! De facto, tal como no presépio o frágil Menino Jesus revela toda a força de Deus, assim Teresinha, se liberta naquela hora «*das fraldas*» de menina, e quasi encerra ali a sua infância; e, sem passar pela adolescência, volve-se mulher forte, verdadeira mulher mulher!

E foi assim que às primeiras horas do dia 25 de dezembro de 1886, Teresinha, decidida, arranca a rápida recta final, que a levará à porta da clausura do Carmelo de

Lisieux. A sua entrada no Carmelo está, de facto, bem no horizonte do seu coração e da sua vontade. É verdade que, de todo, não cessarão ali as lágrimas, é certo, mas as que sobrevierem nunca de derrota serão sinal, antes de maior motivação para o combate. Por mais feroz que seja ele.

Mas quem é, afinal, esta jovem mulher que assim encerra a segunda parte da sua vida – a dos quatro aos quatorze anos –, um tão longo período de lutas, provocações e purificações travadas num corpo tão pequenino, que mais e mais a prepararam para a graça da sua eleição como carmelita descalça? É uma jovencinha normanda, de longos cabelos loiros sobre os ombros, de 1,62m de altura. Os olhos são azuis e, apesar do permanente conflito interior, é vivaz, gentil, alegre, interessada por tudo, sensível à leitura pela qual sente um desejo incontável, e à pintura (existem telas suas...), ávida de conhecimento espiritual, amiga de viagens (declinará, contudo, por fim, visitar a amada Terra Santa para entrar a horas no Carmelo...), e a primeira santa de quem conhecemos verdadeiramente o rosto por ter sido fotografada por seu pai e suas irmãs.

Outra sua data é digna de memória: algures em Julho de 1887, não sabemos se num domingo – é possível que sim, é possível que não – Teresinha assiste à missa na catedral de São Pedro de Lisieux. Inadvertidamente os seus olhos recaem sobre uma estampa do seu missal

(é de crer que a estampa repouse ali há longos dias ou meses...): é de Jesus na cruz. Das mãos do Crucificado derrama-se todo o sangue... Sobressaltada com o que entrevê, Teresa para diante da estampa, e sustém o olhar: ninguém recolheu ou recolhe o Sangue que se esvai do corpo de Jesus crucificado, espanta-se! Ninguém? Ninguém!

Teresa sofre com aquela fulminante revelação: como é possível que se perca o sangue do Salvador derramando-se todo ele por sobre a terra? Pronto toma uma resolução à qual jamais renunciará: ficará ela própria, por toda a vida, em pé, diante da cruz do Senhor, para recolher o seu divino sangue, e oferecê-lo-á às almas. Ouve, então, a exclamação de Jesus: «*Tenho sede*»; sede física, sede de almas, intui ela. E àquela hora, Teresa, mais jovem adulta que criança, mais apóstola que adolescente ingénua ou choramingas, assume: esta é também a minha sede. E sentindo-se pescadora de almas decide-se a trabalhar inteiramente pela conversão dos pecadores.

Por isso, a concluir, propomos que ouça a canção *Elle s'appelait Thérèse*, executada por Natasha St-Pier e Thomas Pouzin: https://www.youtube.com/watch?v=nB_qdTPZdA8.

* Publicado no jornal *Diário do Minho* de 3 maio 2023

I CONGRESO INTERNACIONAL SANTA TERESA de LISIEUX

28 de agosto a 2 de setembro 2023

UNA CARRERA DE GIGANTE

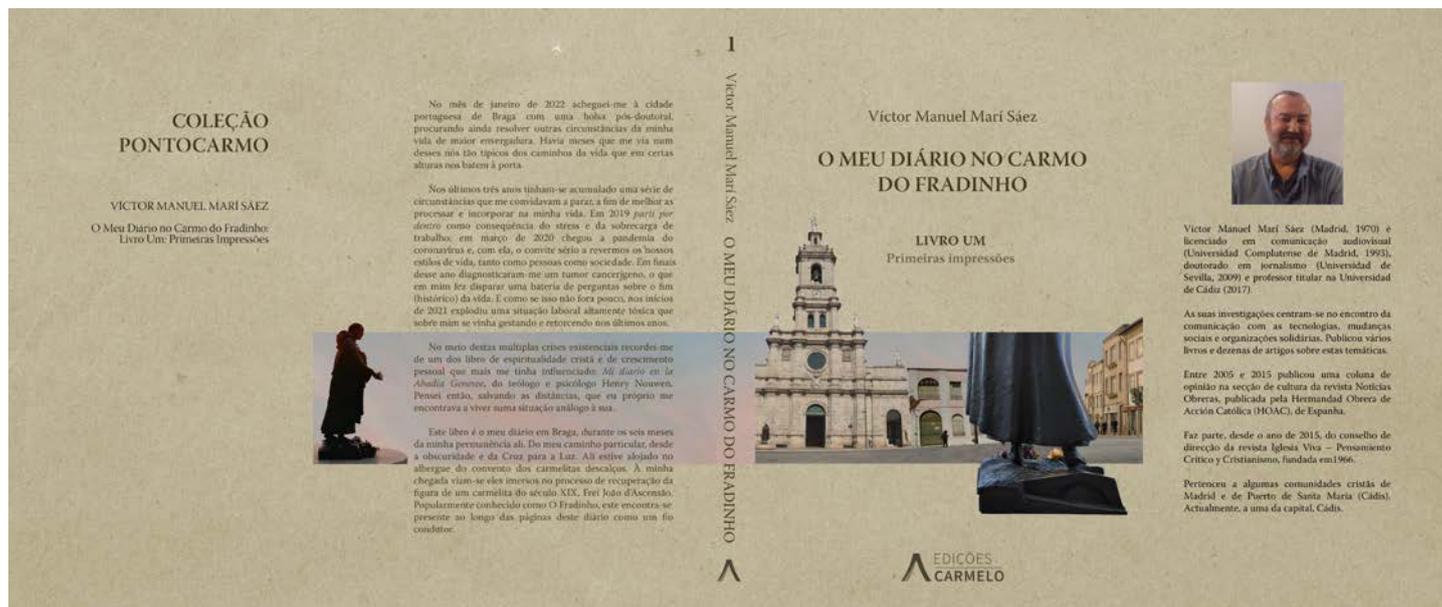
MANUSCRITO "A" DE LA HISTORIA DE UN ALMA

TERESA DEL NIÑO JESÚS Y DE LA SANTA FAZ



Introdução ao Livro Um [de] O meu Diário no Carmo do Fradinho

Víctor Manuel Marí Sáez, *Universidade de Cádiz. Revista Iglesia Viva*



Este livro procurou-me. Não, não fui eu quem foi à sua procura. De há uns anos a esta parte fui aprendendo a fazer mais caso das situações, pessoas e acontecimentos que vêm ter comigo, do que daqueles que eu procuro, por minha vontade ou desejo. O ser humano caracteriza-se por fazer, mas também por deixar-se fazer. Por alcançar, mas também, como no meu caso, por sentir-se alcançado.

Para situar o leitor, é necessário que eu remonte pelo menos a três anos atrás. Decorria o verão do ano 2019. No mês de junho chegava eu à cidade francesa de Bordéus, para uma estadia de investigação. Trata-se de uma das atividades que faz parte do trabalho de quem, como eu, é professor universitário. O objetivo de fundo desta estadia era distanciar-me de diversas situações de inércia no trabalho que, como mós de um moinho, estavam a esmagar-me a pouco e pouco. Temo que não fosse para fazer do meu grão de trigo um bom pão, mas para me aniquilar como pessoa.

Os dois anos anteriores tinham sido especialmente intensos em atividades, responsabilidades, compromissos e tensões laborais. De modo que, ao chegar a Bordéus, à noite – recordo-me como se fosse ontem –, caí na cama e, a tremer, comecei a chorar. De cansaço. Físico. Mental. Moral. Também de alegria, por poder sair, momentaneamente, dessas dinâmicas destrutivas e autodestrutivas.

Nesse parêntesis de cinco semanas, em Bordéus, pude retomar ritmos vitais mais sãos e, assim, reencontrar-me com algumas das coisas de que mais gosto na minha profissão: a leitura e a escrita. Nessa altura, contei com a

compreensão, o apoio e a proximidade do meu anfitrião, o professor Jean-Jacques Chéval.

Tive então a intuição de ter de sair de debaixo das mós que me estavam a triturar. É que, às vezes, está-se tão envolvido que custa ver o óbvio. A primeira das mós da qual urgia sair era um cargo universitário que me tinha calhado, após a extinção da equipa que até então gerira um programa de formação na minha universidade. A 1 de setembro de 2019 apresentei a renúncia a esse cargo por motivos pessoais, sem dar mais pormenores. Foi aceite. Obviamente, encarreguei-me de fazer uma retirada responsável. Senti um grande alívio, ao ver que começava a empregar os meios que me permitiriam sair das dinâmicas que tanto dano me estavam a causar.

Comecei esse curso académico de 2019-2020 com a decisão de tomar medidas noutra das frentes que estavam sob o meu controle: as atividades, publicações e projetos que não eram estritamente obrigatórios, mas em que muitas vezes me via metido, em parte como consequência do meu trabalho académico, e em parte pelo que Byung-Chul Han tão bem retratou no seu *best-seller A Sociedade do Cansaço*¹.

Esta era a dinâmica em que me encontrava quando, em março de 2020, chegou a Espanha a pandemia do coronavírus e o confinamento domiciliar. Esse momento disruptivo² foi como uma segunda epifania que me permitiu ver que o chamamento coletivo a puxar o travão de emergência ao tipo de civilização que nos trouxera ao colapso, também tinha, para mim, uma releitura pessoal. Era uma espécie de confirmação de que eu devia dar

¹ “Agora a pessoa explora-se a si mesma e pensa que se está a realizar”. Assim dizia o cabeçalho dum artigo de informação sobre o autor coreano, assinado por Carles Geli no diário *El País*, em 2018. Em relação ao conceito de autoexploração, diz o seguinte: «na opinião do filósofo passou-se “do dever de fazer” uma coisa ao “poder fazê-la”. “Vive-se com a angústia de não se fazer sempre tudo o que se pode” e, se não se triunfa, é por culpa própria. “Agora a pessoa explora-se a si mesma imaginando que se está a realizar; é a perda lógica do neoliberalismo, que culmina na síndrome do esgotamento do trabalhador»». Em: https://elpais.com/cultura/2018/02/07/actualidad/1517989873_086219.html

² Disrupção: rotura ou interrupção brusca de um processo.

continuidade ao caminho que tinha iniciado no verão anterior. As mensagens institucionais emitidas pelo governo de Espanha («*sairemos melhores e mais fortes desta situação*») animavam-me a pensar que o caminho pessoal que estava a tentar iniciar tomaria uma dimensão coletiva. Os meses posteriores afirmariam o contrário: a maioria das pessoas tinha pressa em voltar a fazer girar as rodas em que, como hamsters, corria presa há tanto tempo.

Desde o início do confinamento domiciliar eu vinha sofrendo de uma forte dor nas costas, na zona lombar, que se começou a manifestar durante as últimas aulas presenciais na universidade, a inícios do mês de março de 2020. Como não podia ir presencialmente ao médico por causa do confinamento, e as consultas telefónicas estavam colapsadas, demorei quase três meses a fazer a radiografia que confirmou que, efetivamente, tinha um problema numa das vértebras lombares.

Quando a pandemia o permitiu, iniciei umas sessões de fisioterapia, com a sorte de cair nas mãos – não poderia dizer melhor – duma fisioterapeuta muito intuitiva, Elena. Ao fim de várias semanas de terapia, ela ficou desconcertada porque o que *via* com as suas mãos não correspondia ao grau de dor que eu sentia e lhe transmitia. Embora eu, sendo varão, tenha um limiar de dor bastante baixo, ela achava que devia haver mais qualquer coisa. Aconselhou-me a fazer uma ressonância magnética.

Mais uma vez, quando as circunstâncias o permitiram – em fins de agosto – fiz a desejada ressonância. Confirmou-se a lesão que a radiografia de junho já tinha detetado. O relatório referia isso e ainda constatava a presença duma mancha, próxima de um dos rins, e que o técnico aconselhava a examinar mais detalhadamente. Isto levou-me a fazer um novo exame, um TAC³, para despistar a questão. Em outubro a incógnita recebeu um nome: um tumor cancerígeno acima do rim direito. Tinha de ser operado urgentemente.

Deram-me a notícia quando estava a sair de uma das minhas aulas na universidade. Foi um autêntico choque, uma reviravolta totalmente inesperada nesta cadeia de acontecimentos que apenas relato sucintamente e que, só agora, a pouco e pouco, começo a ver interligados. Ao chegar a casa rompi num pranto com Flori, a minha mulher. Ainda tinha tantas coisas por resolver, aos 50 anos! Mas, sobretudo, queria levar a cabo o acompanhamento dos meus dois filhos até à vida adulta. Pedi, então, a Deus que me desse a oportunidade de continuar o meu caminho neste mundo; ao menos por mais algum tempo.

O mês e meio que passou entre o diagnóstico e a operação foi complicado. Tinha de estar preparado para tudo. Embora desejasse continuar, tinha de me preparar para a possível despedida. Depois da dura notícia, que tive de comunicar aos meus entes queridos, seguiu-se um processo destinado a tentar viver reconciliado com esta nova realidade na minha vida. Com o apoio, o encorajamento e as orações de muitas pessoas próximas, entrei na sala de operações em novembro. Só me recordo dos primeiros segundos. Os efeitos da anestesia foram imediatos. Seguidamente veio

uma grande luz. Não era a que dizem que existe no final do túnel. Despertei, pouco a pouco, numa sala de recobro. Dali levaram-me para o meu quarto, e disseram-me que tudo tinha corrido bem: tinham conseguido extrair todo o tumor, e que, por estar encapsulado com o meu rim direito, não o tinham podido salvar.

Ao fim de seis dias no hospital, cheguei a casa em finais de novembro de 2020. A partir dali iniciei um lento período de recuperação, no qual tive de começar do zero em muitos aspectos. Não podia levantar-me da cama sem ajuda, nem podia comer alimentos sólidos. E quando consegui andar, tive de o fazer acompanhado por alguém. Primeiro, em casa. Depois, na rua. E ao fim de cinco minutos ficava cansado. Depois, ao fim de dez, quinze, vinte.

Em meados de janeiro de 2021 quando, ingenuamente, pensava que dentro de poucos dias ou semanas, voltaria à atividade plena na universidade, um novo golpe atingiu a minha vida. Desta vez, relacionado com as tensões e os desgastes laborais. Um dos meus inimigos tinha redobrado as suas ações de hostilidade contra a minha pessoa. A minha universidade fazia-me chegar uma denúncia sua contra mim, em que os factos estavam vilmente distorcidos, para dar uma falsa aparência de realidade. Qualquer pessoa, porém, que trabalhasse na universidade e lesse tal denúncia, mesmo sem conhecer o caso em pormenor, teria pistas mais que suficientes para deduzir que nela havia numerosas inconsistências de fundo. Comuniquei-o por escrito, mas foi em vão. E por fim, apesar da minha situação – ainda com uma ligadura na cicatriz e com as dificuldades próprias do período pós-operatório – tive de dirigir-me ao escritório do responsável universitário que me notificara da denúncia da denunciante. Queria dar a cara, e defender-me presencialmente, perante ele, das falsas acusações: dizer-lhe que essa denúncia não se aguentava de pé e que, em todo o caso, quem andava a ser castigado, já há anos, era eu.

Apesar dos argumentos contundentes que comuniquei a essa pessoa, obrigaram-me a cumprir os trâmites que, só pelo facto de ter de passar pelo processo, muito me faziam sofrer. Pedi com insistência que, dadas as circunstâncias de saúde em que me encontrava, me prorrogassem o prazo da resposta que devia apresentar por escrito, com muita urgência; e consegui o adiamento até à data em que me concederiam alta médica. Em finais de junho surgiu esta e volvi ao meu posto de trabalho; quinze dias depois, apresentei a minha defesa por escrito. Quase trinta páginas em que tive que desmontar a série de mentiras, falsas imputações e deformação dos factos que, com tanta maldade, o denunciante tinha tecido.

Esses meses de convalescença serviram-me ainda para ir tomando consciência do ambiente tóxico em que se vinha desenvolvendo o meu trabalho na faculdade e que eu, consciente e inconscientemente, carregava sobre os ombros. Vinham-se cozinhando circunstâncias que, no seu conjunto, resultavam no atual ambiente tóxico irrespirável: o ataque a uma pessoa era acompanhado do silêncio.

³ TAC, sigla de Tomografia Axial Computadorizada, um exame auxiliar de diagnóstico mediante o qual se faz uma pesquisa da parte do corpo que se deseja verificar, com um scanner de raios X.

cio cobarde de outras que, tendo responsabilidades institucionais, não fizeram o que estava nas suas mãos para parar o processo. E a isto somava-se a inveja de alguns e a rejeição de outros, diante dos quais jamais demonstrei a submissão que desejavam.

A resolução da denúncia chegou poucos dias depois do envio da minha resposta escrita. Porém, diante do meu documento, detalhado e exaustivo, o texto do organismo competente apenas tinha oito linhas. Nelas se dizia o óbvio: que eu não era culpado do que me acusavam. Mas nada se dizia quanto à penalização da outra parte pelas falsas acusações.

Depois de ponderar prós e contras de pedir mais explicações, dei uma série de passos conducentes a pedir que fossem penalizadas as falsas acusações vertidas contra mim. E se tinha sido duro viver esse processo até ali, mais duro foi, porém, experimentar o dano moral de ver vários responsáveis institucionais fazer de conta que não viam as minhas petições, demonstrando-me que não se iriam *queimar* para que se fizesse justiça e fossem restituídos os meus direitos. E, no melhor dos casos, animavam-me a iniciar um novo processo burocrático que, como o anterior, só de o iniciar me penalizava, por me ver metido na mesma lama em que tão bem se chafurdam alguns animais e algumas pessoas. Uma saída kafkiana, no sentido amplo da expressão.

A tomada de consciência, pela minha parte, de todo este ambiente tóxico, era acompanhada da procura duma saída que me permitisse distanciar-me dele. Por isso, ao receber a dispensa, em fins de junho de 2021, vi que chegava ao correio da universidade, o anúncio da abertura de uma bolsa para a realização de estadias de investigação em universidades estrangeiras durante doze meses. Não estava muito convencido de querer fazer tal estágio já que, dadas as minhas circunstâncias, não queria separar-me da minha família, da minha Cádiz, da minha gente. Contudo, em casa, animaram-me a candidatar-me e, apesar das minhas reticências, assim fiz.

Como acontece com tantas coisas que se fazem com pouca esperança, consegui uma dessas oportunidades. A bolsa era para uma universidade em Braga, Portugal, onde um amigo espanhol me tinha conseguido uma carta de convite, emitida por um dos investigadores desse centro. Tinha, pois, um horizonte por diante que me permitiria ganhar distância, ter tempo para ler e investigar e, além disso, alcançar a desejada oportunidade para cultivar relações académicas para, quem sabe, num futuro próximo, conseguir um cargo temporário de investigador nesta universidade.

Com essa disposição cheguei a Braga no dia 17 de janeiro de 2021. Como todo o emigrante trazia a mala cheia de sonhos e de projetos. E como autoexilado – com a dor de ter tido que deixar forçada e forçosamente o meu ambiente – chegava procurando sobreviver à toxicidade insuportável que sobre mim recaíra. A sensação ambivalente foi-se tornando mais negativa logo nos primeiros dias, ao comprovar que a minha busca de um poiso que reunisse condições para eu trabalhar e me recompor,

estava a tornar-se impossível. A isto somou-se a falta de um acolhimento à altura das circunstâncias, por parte da instituição recetora: passaram-se trinta dias até que um académico daquela universidade portuguesa me recebesse! E pelo caminho, durante esses dias, foram-se esfuando os desejos e as expectativas de que nessa universidade encontrasse a saída profissional temporária pela qual eu tanto anelava, uma vez terminada a bolsa de doze meses.

Não obstante, iam também aparecendo sinais positivos. Como tantas vezes na vida, fecha-se uma porta e abre-se uma janela. O problema do alojamento consegui que, providencialmente, se resolvesse, graças à receptividade e acolhimento do prior da comunidade de Carmelitas Descalços de Braga. Fui ter com ele para pedir alojamento e ofereceu-me um dos quartos disponíveis no albergue que têm preparado, junto da Igreja do Carmo, e onde acomodam estudantes do ensino médio, mestrado e doutoramento de alguns países lusófonos (Angola, Moçambique, Timor-Leste, etc.).

No dia vinte e um de janeiro mudei-me para esse quarto, no qual construí um *ninho* que me permitia a sanção que procurava. Nesses primeiros dias ia-se misturando a ambivalente sensação de ação de graças – pela oportunidade que começava a viver – e a experiência de amargura e de silêncio no *acolhimento* por parte da universidade (para lhe chamar alguma coisa). Entretanto, nas idas e vindas do Carmo ia-me encontrando com a estátua do Carmelita Frei João d'Ascensão que está na rua, junto à entrada da igreja. Tinha-me chamado a atenção como a gente simples, a caminho do mercado ou dos seus afazeres, parava diante dele, com respeito e devoção. Logo comentei com o prior da comunidade que gostaria de fazer um trabalho etnográfico, perguntando às pessoas o que pensavam deste Carmelita Descalço. Quando lho disse, indicou-me que, na atualidade, estava em curso um movimento visando resgatar esse irmão Carmelita, a quem chamavam Fradinho. Aliás, logo acrescentou, que para as pessoas simples da cidade, já ele era um santo desde os seus últimos anos de vida, na segunda metade do século XIX.

Foi neste contexto que se me atravessou, como um relâmpago, a ideia deste livro. Alheado de tudo, numa situação análoga à que viveu um autor de espiritualidade muito importante para mim, Henry Nouwen, antes de ter começado a escrever um dos seus livros mais conhecidos e que mais me influenciaram: *Mi diario en la Abadía Genesee*⁴. Nesse livro, Nouwen pede permissão a um conhecido prior trapista dos E.U.A., para partilhar a vida da comunidade durante sete meses, como se fosse um dos monges. Tendo sido aceite conseguiu escrever um dos livros mais sinceros e profundos que já li sobre espiritualidade cristã e amadurecimento pessoal.

As diferenças entre o que eu aqui apresento e o seu livro são muitas. Para começar, eu não estou a viver na comunidade Carmelita. Também não sou teólogo nem pastoralista, e menos ainda um autor destacado. Mas dá-me impressão de que existe um ambiente e uma procura simi-

⁴ Publicado, em espanhol, na editora PPC, em 1999, a partir da experiência de Henry Nouwen (1932-1996) de viver no mosteiro trapista do Estado de Nova York, em 1974, quando contava 42 anos de idade.

lares, que me levam a tentar encontrar um sentido para a situação que, a pouco e pouco, se ia carregando de ausência de sentido.

Foi assim que, na encruzilhada em que se encontra a minha vida, e perante o vazio de expectativas de aprofundar a minha colaboração académica com a universidade de acolhimento, para lá do plano de trabalho mínimo acordado, me veio a ideia de escrever um diário da minha vida aqui, em Braga. Neste diário, juntamente com os avanços e retrocessos do meu trabalho de encontrar um sentido para a cadeia de acontecimentos que se foram sucedendo na minha vida (e que, brevemente, acabei de introduzir), iria entretecendo o conhecimento dessa imagem magnética e enigmática do Fradinho.

As primeiras coisas que li sobre ele conduziram-me a uma identificação que me surpreendeu: antes que chegasse a notificação formal da proclamação da desastrosa notícia da dissolução das ordens religiosas – na sequência do processo de exclausuração⁵ iniciado no sec. XIX – o Fradinho decidiu pôr-se a caminho, de Lisboa para Braga, com um pequeno grupo de jovens professores. Existem aqui, de novo, algumas analogias possíveis: também eu me pusera a caminho, num ato de sobrevivência, antes que as desastrosas notícias e os ambientes tóxicos acabassem comigo! Também eu chegava a Braga com a esperança de que, pelo caminho, as coisas se fossem aclarando e ganhando sentido. Além disso, creio que, salvo as distâncias contextuais, a experiência de fé do Fradinho, vivida num ambiente que proclamava o desaparecimento de Deus da vida social, pode ter alguma coisa a dizer ao atual contexto de indiferença religiosa em que, de outras formas, se vivem atitudes similares. Por isso, meditar sobre a sua figura pode ajudar-me a encontrar pistas para viver e anunciar a mensagem cristã aos nossos dias.

O que o leitor e a leitora têm entre mãos é, pois, o diário que, ao vivo e em direto, fui escrevendo nos dias que passei em Braga. É um livro escrito em paralelo com a vida, tal qual ela me foi chegando e eu a fui vivendo e percebendo. Mudei alguns nomes, na tentativa de ser respeitoso com quem se foi cruzando comigo. Outros acontecimentos ou vivências, não aparecem diretamente: em alguns casos, para manter a intimidade e privacidade que muito valorizo, por exemplo, com os meus filhos, mulher e familiares, a quem mais amo nesta vida; noutros casos, como no trato

com os restantes hóspedes do albergue porque, como dizem os futebolistas, há questões que ficam no campo de jogo, e dali não devem sair.

Recordo que fui lendo *Mi diario en la abadía Genesee* a pequenos sorvos, saboreando as páginas que se referiam a um ou dois dias do protagonista, e deixando que as suas vivências, meditações, preocupações e desejos calassem fundo em mim. Umas eram profundas. Outras eram escandalosamente prosaicas e, mais ainda, num tão destacado autor de espiritualidade. Mas assim creio que é a vida real: tem dias cheios de sentido e outros rotineiramente medíocres.

Do igual modo, eu gostaria que fosse lido este livro: a pequenos sorvos. Para ver como se vai produzindo esse árduo esforço de dar sentido a tanta ausência de sentido e, em paralelo, para se avaliar como esse trabalho se vai entretecendo com o meu processo de conhecimento da figura do Fradinho que, desde o princípio, está ali, oferecendo-se-me e interpelando-me. Não creio que tenha conseguido plenamente este objetivo. Talvez algum leitor ou leitora, à vista dos factos, e do meu modo de os viver, veja mais claramente o que eu tenho muita dificuldade em perceber. Também não creio que a minha vida seja espetacular, nem que o meu modo de enfrentar as dificuldades tenha sido heroico. Pelo contrário, estou certo de que outras pessoas poderiam relatar acontecimentos muito mais duros e de uma experiência de fé mais profunda. Talvez seja o prosaico dos factos, unido à debilidade da minha fé e às minhas dúvidas, que faça gerar mais proximidade a quem leia estas páginas. O que me anima, seguindo as pegadas do texto inspirador de Henry Nouwen, é o desejo de andar na verdade, de olhar cara a cara a vida e tentar iluminá-la a partir da luz da fé cristã.

Não me anima, portanto, a crença de que a minha vida tenha alguma coisa de exemplar. Pelo contrário: espero que o que aqui se relata ajude outras pessoas, nos seus caminhos pessoais, a encontrar a Luz, a encontrar-se com os outros, a sua abertura ao Mistério e ao sentido da vida. E, além de tudo isso, que este trabalho sirva também, para juntar mais um grãozinho de areia à tarefa de resgatar a imagem e a memória do Fradinho nas pessoas dos nossos dias.

(NOTA: O livro está à venda no Carmo do Fradinho, em Braga. PVP 9,00€. Pedidos: braga@carmelitas.pt)

⁵ A exclausuração foi um processo impulsionado pelos governos liberais, em Portugal e em Espanha, em datas similares, com o fim de expropriar a Igreja e levar a cabo, entre outras medidas, a dissolução das ordens religiosas.

Responsório

Frei João Costa, OCD



O Senhor jamais abandona um cordeiro ou uma ovelha, por cegos e mancos que sejam. E nem antes nem depois da morte atroz, abandonou algum dos Seus amigos. Fora, é verdade, por eles enfeitado na noite mais terrível – aquela em que a criatura condenou o Criador. E em troca bem mereceriam eles por todo o sempre igual trato. Mas não; na sua imensa ternura e amizade jamais o fez, nem o poderia fazer, nem fará, pois tais são as irrenunciáveis coordenadas do GPS da misericórdia.

Se os traidores O viram ou souberam morto – morto, morto, verdadeiramente morto — como puderam eles dormir naquela noite e nas seguintes? Ninguém poderia, claro, pois quem dormiria com a brutalidade de tal remorso? Sinceramente não sei que leito poderia dar descanso e paz à consciência, que para o corpo a espinhos haveria ele de saber. Ser-se traidor de alguém, para mais o Justo, sabendo que tal é verdadeiramente verdade, deve ser terrível, duro e afiado espinho espetado na fresca carne da consciência.

Sim, falo de traidores, mas não ao jeito do mercenário que trai o seu capitão a troco de um soldo algo maior. Não, não: falo de amigos que traíram o Amigo, o único de quem se pode escrever com maiúscula; falo de amigos que meteram com Ele a mão no prato, de amigos a quem Ele chamou tal por eleição sua, amigos e não servos, amigos eleitos para o serem, a quem Ele falara com doçura, coração a coração, olhos nos olhos. Amigos de quem se fiara e a quem protegera e por quem acabou entregando-se.

Dentre as coisas que por vezes Lhe pergunto, nunca usei saber qual a dor que na sagrada Paixão mais Lhe doeu ou macerou, visto estar certo que, para maior crueldade, Ele soube identificar uma a uma as que ali sofreu, e por que as sofreu. E o que é mais: ao poder distingui-las e identificá-las todas, uma a uma, mais Lhe doeram as que Lhe advieram da humilhante traição dos amigos!

Não é impunemente que se trai alguém; menos ainda um amigo, o Amigo.

A noite da prisão, e do julgamento, e aquela sexta-feira de tortura e martírio devem ter sido tão duras como afiadas pontas de faca; e o silencioso e frio vazio de sábado nem sei supô-lo. É por isso que me agarro à fé de Tomé, que óbvio é sempre a teve e tem: Como é que ao terceiro nocturno dia alguém pode acreditar na ressurreição? Como, enfim, poderia ele acreditar? Ele e os demais? Como se pode aceitar algo que nunca antes ninguém viveu ou experienciou, nem contou, e de que não existem testemunhos? E qual o claro e luminoso livro, sagrado ou não, poderia ser interrogado, a tempo e horas, sobre que fora a ressurreição? — E quem numa qualquer hora negra se arrima a um livro?

E aconteceu!

E acontecendo, é óbvio que o Ressuscitado tinha de manifestar-se aos amigos, e manifestou-se; a quem mais? É óbvio que sim. Tão pronto como o ledo desabrochar a aurora, assim Ele se lhes manifestou como previra e lhes preanunciara. E ao recebê-lo naquela sala agora nefanda e negra, como não se perturbariam, vendo vivo, Quem eles criam morto? E com que olhos, senão baixos, arrependidos e em lágrimas, haveriam de encará-lo, e de se Lhe dirigir? Diante das chagas das Suas mãos e pés, e dos furinhos dos espinhos cercando-Lhe a fronte, quem teria palavras, e não apenas um duro nó na garganta e uma pesada e fria mó no estômago, para algo Lhe dizer?

Censurá-los-ia Ele? Pareceria óbvio... E eles o aceitariam, pois havia mais que razões. E é claro que era óbvio que ali era Ele – até no acento da voz! E se eles conheciam o acento da voz do Bom Pastor... Óbvio era que era Ele! Mas a impossibilidade de ser ele Quem ali era, era tão desmesuradamente possível que consciência alguma poderia aceitar que fosse verdade. O mais acertado, pareceria, era tomar tudo como um delírio do desejo: que nada de ruim se tivesse passado nos últimos três dias em Jerusalém, que tudo não passasse de um pesadelo infausto e negro, que nenhum deles tivesse testemunhado ou sido motor da noite mais

negra, que nenhum amigo tivesse colaborado no esmagamento do coração do Amigo, como a verme feio, que...

Mas, enfim, era Ele, sim; ainda que a todos os títulos parecesse um incompreensível desvario do desejo, era Ele quem ali se apresentava, naquela fresca hora matutina, no meio da horrenda noite deles. Eis que o Senhor e Mestre estava ali tão luminosamente fresco e airoso como as madrugadas da primavera da criação! Entre todos, ninguém compreendia luz tão calorosamente quente e reconfortante, porque ninguém nada ali poderia compreender; e não era questão de inteligência, ou falta dela... Então, logo Ele lhes pediu de comer, e deram-Lhe uma posta de peixe que por ali havia. E sereno e calmo, e imagino que com alguma sorna, saboreou-a deliciado (E embora São Lucas nada diga, a mim ninguém me tira que não pediu um copo de três e um cibo de pão!) — e espantados, ali viram comer Quem bem sabiam gostar de peixe. E Simão Pedro, melhor do que todos, sabia que os mortos não comem peixe!

Na sequência desta aparição do Ressuscitado sucederam-se outras, a uns e a outros, e a outros, e em conjunto. E uns e outros, um a um, uma a uma, e todos juntos, ficaram sabendo que o Mestre ressuscitara. Não sabiam como dizê-lo, mas Ele atravessava portas; e as paredes não O sustinham, os caminhos não se Lhe faziam longos, e as distâncias nem curtas nem longas, porque, simplesmente, para Ele elas não existiam. E atravessava-lhes o coração com um olhar de misericórdia!

E com predileção para o peixe, comeu outras vezes com eles!

(Quero aqui deixar duas notas finais; uma: Já atrás disse, porque inaudito, tudo isto vai para muito além do racional e do por alguém antes experienciado; tão para trás ou tão para além, que o curso de quarenta dias que de seguida o Ressuscitado lhes propôs, acalentando-os e acompanhando-os até à Ascensão, me parece excessi-

vamente curto para assimilarem tanto e tudo!; duas: um amigo assinalou-me um dia, num caminho, uma árvore onde um vizinho, tempos havia, se enforcara. Em trinta anos só lá passei umas cinco ou seis vezes (e, entretanto, derrubaram a árvore), mas sempre que lá passei rezei uma Ave Maria pelo homem. Juro que sim, mas o que mais me impressiona é que eu recebi esse testemunho, mas não conheci nem vi o enforcado. E, porém, quando lá passo, até posso ir com sono ou distraído, mas abeirando-me do lugar sempre lembro aquele facto alheio. Não me espanta, por isso, que de por toda a vida os Apóstolos se tenham lembrado, meditado, pregado e transmitido todos os factos relativos ao núcleo da nossa fé: a Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor. Não me espanta, não, porque lhes ficaram gravados a Fogo na alma!)

Voltando: Durante três anos Pedro e os companheiros haviam tido o melhor mestre que alguém poderia ter – nada menos que Jesus, a Palavra de Deus feita carne! Durante aquele largo feixe de meses falou-lhes Ele, e pregou-lhes, alimentou-os e cuidou-os com desvelos maternos. E eles nada entenderam, tal era a sublimidade dos mistérios que lhes comunicava. Sobre o da Páscoa preciso não é que ora mais se diga, pois menos que nada entenderam. Por isso, crescendo ao muito que Dele tinham visto e ouvido pelos caminhos e à mesa da Última Ceia, disse-lhes: *«Tenho ainda muitas coisas para vos dizer, mas não as poderei entender [e era verdade, pois perduravam ainda laivos de noite]. Mas quando vier o Espírito Santo, então compreenderéis».*

Para entenderem, faltava-lhes, óbvio é, a luz viva e ardente da Chama de Amor Viva, o Espírito Santo. Sem Ela ninguém nada entende. Sem seu secreto e luminoso auxílio, ninguém, nem Pedro, nem Paulo, nem João, nem Matias, algo compreenderá de Jesus.

Não nos falte, pois, a Luz, que à noite responde-se com Fogo vivo. De contrário, como assentiremos com frio e sem seu calor?



LA ORACIÓN CONTEMPLATIVA: *Reflexión y vida*

Semana Cultural - Pastoral Para los carmelitas descalzos

[MODALIDAD: PRESENCIAL]

19-24 junio 2023
CITeS, Ávila (España)

 **CARMELITAS DESCALZOS**
ORDEN GENERAL DEL CARMELLO TERCIARIO

 **CITeS**
UNIVERSIDAD DE LA MEDITERRANEA

Organiza: Casa General de los Carmelitas Descalzos y CITeS